

Biblioteca Nacional  
Corte

# O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. . . . . 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro --Terça feira 17 de Março de 1880

N. II



## O ARTISTA

Desterro, 14 de Março, de 1880.

### A religião.

Muito se tem escripto sobre a religião, porém não se tem colhido fructo algum, a julgarmos pela tortuosa vereda que trilham os seus infieis ministros.

Por varias vezes temos sobre ella fallado, censurando energicamente o fanatismo, para d'elle afastarmos o povo; mas embalde, que essa hera infernal tem profundado as venenosas raizes nas ténadas paredes da egreja abandonada!

Segundo o nosso fraco entender, a religião não é mais do que um manancial de fé, consolação, esperança e caridade, legado a especie humana pelo espirito infinitamente poderoso, infinitamente sabio, infinitamente consolador!

E' nella que o homem acha conforto, quando ludibrio do vento da fortuna!

E' d'ella que brota a consoladora esperança, essa estrella luminosa que guia nauta através das vagas da vida breve esse astro milagroso, que guia os mambos ao berço do Redemptor!

E' d'ella que brota a poderosa fé, essa lumina radiante que guia o povo de os na arido deserto!

E' d'ella, finalmente, que brota a sohumana caridade, essa miraculosa

sarça que arde sem consumir-se, que abraza o coração do homem sem de nenhum modo queimá-lo!

Quando banhou a terra em seos divinos raios o sol do christianismo, o celeste propagador da fé, o auctor desse sublime panorama que se nos desenrola diante dos olhos só puuha mira em unir todos os povos, para que, educados em uma só religião, o adorassem em espirito e verdade!

Mas ( baldados esforços ! ) já o incendio da corrupção havia lavrado, já haviam dividido os povos a enfuadada soberba, a cubiça voraz !

Quem tudo podia transformar com uma só palavra, com um só olhar, com um só gesto, com um só pensamento, com uma só vontade, deixou seguirem o seo testino as ondas dos acontecimentos !

E' que Jesu Christo quiz que a nuvem da humanidade encobrisse o resplendor de seos divinos raios !

Para cumulo de desgraças, esses homens terriveis que sob a humilde roupa escondem, em uma das mãos o punhal sangrento, em outra o facho incendiario, espalharam-se pela superficie do globo praticando os mais monstruosos crimes e deixando após si d'um lado rios de sangue de outro lado mantões de braza !

Para mais facilmente conseguirem os seos lascivos desejos, esses assassinos moeraes, esses mercadores da honra alheia, pregarão o fanatismo do povo estúpido, e por isso, desmaziadamente credulo!

Crentes só se conservaram os povos po-

elles não dominados; fanáticos os que desgraçadamente se deixaram arrastar, talvez por habituados a ouvir o infernal tinir das cadeias da escravidão!

Não satisfeitos com o que já tinham praticado, e sequiosos de pescar os segredos das familias, lançaram os jesuitas a rede da confissão !

A donzella, em vez de depositar no seo materno o que em seo casto peito occultava, ia, alludida, confiar ao padre aquillo que negava a sua mãe, recebendo em compensação, conselhos terriveis, que arrastavam-na ao abysmo da prostituição !

A esposa não escolhia o marido para depositario de seos segredos; ia confial-os ao padre que lhe aconselhava o divorcio !

Seduzida pelo confessor, ella se lhe rendia qual timida e mansa ovelha ao lobo faminto e feroz !..

A religião, que até então se conservara pura, ficou manculada pelo fanatismo, esse cancro maldito que corroe os mais nobres sentimentos do povo !

— Não somos atheos; somos christãos, e como taes queremos discriminar o fogo do fanatismo do fogo da religião !

Religião é, caridade caridade é fogo, mas fogo que vivifica; fanatismo é fogo satânico, fogo que queima, fogo que transforma em cinza o coração do crente !

A lampada, da fé vai-se apagando !

E aquelles que a devem reanimar, são desgraçadamente, os que cospem na luz e desperdiçam o oleo da paz !..

Dia virá em que abrindo o povo os olhos

## FOLHETIM 13

### EDMUNDO O BANDIDO

POR JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA



—Emundo, disse Alberto supplicante, onde está Leonida ?

—Acompanhe-me, que vol-o direi.

O miro pai e o...

não se fizeram esperar: acompanharam immediatamente o bandido.

Mas qual não foi a dor que o conde e Alberto sentiram, quando viram Leonida ?

Prostrada n'um leito de palha, igual aquelles que usam os encarcerados, com os cabellos em desordem, a tez pallida como a de um cadaver, os olhos embaciados como de quem vai pouco perdendo a vida, permanencia a infeliz moça, alheia à tudo que a rodeiava.

—Minha filha! exclamou o conde, precipitando-se para o leito.

—Leonida! balluciu Alberto, cahindo de joelhos.

Estas palavras, impregnadas de dor; despertaram a moribunda, que dardejou em torno de si um olhar inquieto

—Meu pai! disse ella, reconheço-

—Estou aqui... a teu lado, respondeu o amante por entre lagrimas.

—Será possivel, meu Deos, continuou ella, erguendo os olhos ao ceo, que veja Alberto antes de morrer?... que ouça o som da sua voz tam meiga?...

E voltando-se para elles:

—Ah! Alberto, já não sou digna de ti... já não sou a mesma de outr'ora... Fui trahida... fui... Oh! meu Deos! porque consentiste que fosse tam ultrajada?...

Vai, Alberto, vai procurar outra digna de ti, porque tenho uma mancha indelevel... Mas a culpa não foi minha, foi d'aquelle malvado que, depois de deshonrar-me, abandonou-me....

—Leonida, não falles assim, não me rasgues o coração com as tuas palavras... soluçou o mancebo, beijando-lhe

1975  
52

à luz da razão, conhecerá não terem sido atheos os que teem escripto sobre a religião, inectivando contra o cego fanatismo!

A aurora ha de raiar em que o povo comprehenda que os maiores inimigos da igreja estão na propria egreja!

## LITTERATURA

### ELYSA

(Off. à E. A. D.)

Elysa era uma menina de olhos cõr do cõo, cabellos serpentinios e cõr de azeviche, corpo em que a mão da natureza imprimira o sello do seo magico poder!

Era uma d'essas fadas que possuem nos meigos olhares o iman do amor!

Uma tarde, passando eu pela rua de meus olhos encontraram-se com os d'ella ... uma onda electrica infiltrou-se-me no intimo do peito... e o coração me palpitou com força!

Qual a rosa desata as setinosas petalas espalhando os seos perfumes, que vão penetrar o orgão do olfato de quem absorto a contempla; tal, desatando-me os olhares ternos inoculou-me a virgem o doce aroma do amor!

Desde então identifiqueime com ella, Elysa, só Elysa era o objecto de meu pensamento!

Incessantemente o amor me desenhava as suas bellas formas; eu a via na aurora, no sol, na branca nuvem, no cõo limpido e sereno, na brisa da tarde, na estrella do oceano, na vagarosa lua; em summa, eu a via por toda a parte!.. eu era todo Elysa, Elysa era tudo conigo!

Elysa! — eis a voz que a cada momento me soltava o peito; Elysa! — respondiam-me os quebradas dos outeiros; Elysa! — repetia-me a viração suave; Elysa! — respondiam-me as folhas secas que brincando sussurravam ao passar do zephyro; Elysa! parecia-me dizer a fontinha sonora, bipartida por alvas e graciosas pedrinhas!...

Havia decorrido um mez, quando alucinado, ausente de Elysa, que sem acaso infeliz havia retirado de seo domicilio, depois de andar errante e sem poder colher noticias de minha amada, fui levado pelo destino para um logar sombrio, apropriado, de certo, às minhas magoas!

Nem um homem, nem um quadrupede, nem uma ave, nem uma borboleta, nem uma fonte, nem uma rama, nem uma petala, nem uma folha!

Ahi minh'alma fartou-se de tristeza e saudade! nem uma palayra, nem um gemido, nem um ai, nem uma lagryma; que as dores profundas são mudas, como os abyssinos insondaveis, mudas como o sitio onde me achava!...

Depois de alguns passos, eis que avisto no cimo de um teso escabroso uma casinha que amarelleja, qual ninho no alto de uma arvore despoçada de ramos!

A janella avisto uma virgem qual flor pendida e murcha...

O coração, que eu já quasi não sentia palpita-me com força... apresso os passos d'ella aproximando-me!..

Qual não foi o meo espanto, quando vi Elysa magra, pallida, já tam diversa d'aquella Elysa cheia de vida, de encanto e de graça!..

Oh! quanto são instaveis as cousas deste mundo!..

A mulher é como a flor ainda na duração!..

Agora nos olhos humidos o azul do cõo o alvo das nuvens e o rocio da manhã; agora o rubro e o embaciado das insomnias e dos prantos; agora o roxo das palpebras!..

Agora nos labios humidos a fresca rosa orvalhada, balançaada pelo favonio; agora a pallidez, a dor profunda, o silencio sepulchral!

O que nesse momento eu e ella sentimos, a minha pobre pena não pode trazer!..

O que sei é que dias depois dei conigo em minha casa e soube que Elysa não existia!..

Onde, quando, como, de que, porque.. nunca o soube!..

PINDARICO ÉLPINO.

— Não, Alberto, não me beijas as mãos, porque já não sou a mesma Leonida... Sei que morro, mas morro satisfeita, vendo-te pela ultima vez... Alberto, meu amigo, dá-me a tua mão.

O desgraçado amante offereceu, chorando a mão à moribunda.

— Meu pai, proseguiu com voz fraca, abenço-me...

O cõte, com os olhos rãzos de lagrimas, ergueu a fronte, que até então conservara vendida sobre o peito, e abençoou a infeliz filha.

— Adeus, meu pai, adeus, Alberto. Até a eternidade.

E expirou.

Foi um quadro tocante o que se apresentou então.

Aqui, Alberto, pallido como um finado e chorando; alli, o cõte, acobruhado

pela dor e pela vergonha; além, Edmundo, com os braços encruzados sobre o peito, contemplando ora Alberto, ora o cõte; aquem, um cadaver....

O bandido rompeu o silencio:

— Senhores, disse elle, o traider não está aqui, mas eu juro que os hei de vingar e a mim tambem!

— Sim! badaram a um tempo o cõte, e Alberto. Vingança!

Era noite.

A lua derramava pela amplidão celeste a sua luz baça, illuminando as campas que alvejavam no comitório da aldeia.

## COLLABORAÇÃO

### Ao povo.

Na quadra vertiginosa e sombria que atravessamos, um murmurio confuso, semelhante ao trurbillionar das turvas e espumantes aguas de uma grande inundação echoa pela amplidão do orbe brasileiro.

E'a revolução que se approxima! E'o anjo salvador que vem partir as ferreas cadeas que agrilhoam a nossa patria!

Já é tempo! O povo brasileiro não mais pode supportar tantas humilhações!

Depois da terrivel crise que ultimamente deu-se na capital do imperio, é impossivel continuar na mesma: uma mudança de governo se torna necessaria.

O sangue que o povo derramou, por occasião de requeirir o infame e vexatorio imposto do vintem, requer vingança!

E' impossivel que fique impune uma affronta tão atroz, atirada a face de uma nação nobre.

O povo brasileiro é nobre e deve vingar-se!

A hora da vingança approxima-se, e approxima-se medonha!

O Brazil inteiro vae converter-se em um campo de batalha. Desta vez a força militar de nada servirá. A propria baioneta, que defende o negro throno, conspirar-se-ha contra elle.

Ha de ser uma contradança sangui-nolenta.

A maldicção do povo—da victima ca tyrania monarchia—recahirá sobre o imperador, e verdadeiro culpado!

Depois d'este chao horripilante em que o sangue popular formará rios, e os cadaveres, montes, a ordem se restabelecerá de novo.

Mas o pais apresentará outro aspecto: em vez da oppressão, a liberdade; em vez da ignorancia, a instrucção; em vez do odio; a fraternidade; em vez da miseria, a abastança, e, concluindo em vez da vil afilhagem, a justiça recta!

Um horisonte novo se discortinará a nossos olhos: o horisonte do progresso!

Um homem, todo de preto, errava por entre os tumulos: era Alberto.

O infeliz amante não deixava passar um só dia, que não fosse derramar abundantes lagrimas sobre o tumulo de Leonida.

Mas n'essa occasião elle não chorava só por ella, e tambem pelo cõte que succumbira á dor e á deshonra.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

## NOTICIARIO

### Aos Srs. assignantes

E' com pezar que annunciamos aos nossos benevolos assignantes que o « Artista » suspende a sua publicação por esses dous mezes.

O motivo que nos leva a interceptar a carreira da nossa folha é justo, pois queremos organisar melhor o nosso estabelecimento bem como por em pratica um projecto que de ha muito nutrimos. Eii-o:

O « Artista » será publicado como tem sido até agora; isto é, com o mesmo formato e semanalmente, com a vantagem de dar de quinze em quinze dias, uma secção critica illustrada, narrando os factos da quinzena.

Não receberemos mais assignaturas mensaes, e sim de trez em trez mezes, na importancia de 2\$000 reis, pagos adiantados.

Talvez os nossos assignantes achem um pouco caro, mas não vemos razões para isso, porque, como já o dissemos, damos em compensação uma secção critica illustrada.

Portanto, esp' ramos que os nossos assignantes continuem, não nos abandonem e tambem garantimos que no mez de maio proximo o « Artista » sahirá, á luz da publicidade sustentando sempre as mesmas idéas.

Os srs. assignantes que pagarão as suas assignaturas adiantadas gosarão do privilegio de receberem a dita folha sem o referido augmento d'assignaturas, isso só até findar a sua assignatura paga: e de ahí em diante, se quizerem continuar, será com as condições acima.

No «Jornal do Commercio » ha dias, appareceu uma infundada reclamação sobre irregularidades commettidas no serviço da actual empreza do Gaz-Globe--.

Pelo modo vago e indecizo porque está redigida essa leviana reclamação que, nem ao menos aponta os lugares onde se teem dado as faltas a que allude, somos levados a acreditar que algum desses mal intencionados (que neste mundo formão, a maior parte e são o flagello da humanidade) abuzou da boa fé do nosso estimado collega, ministrando-lhe a esse respeito falsas informações.

Nada do que nesse artigo se afirma é exacto.— O Snr. Dr. Campos Mello, actual empresario tem sido incansavel em manter á risca as condições de seo contrato com a Provincia, e por nossa parte somos testemunhas que ainda não presenciamos, em diversas noites que temos percorrido a cidade em companhia do entregador desta Folha, nenhuma irregularidade na boa ordem do serviço a seo cargo.

Pelo contrario, admira-nos até, como em tão pouco tempo S. S. tenha conseguido obter tão bons resultados para o credito de sua empreza não dispondo de um pessoal habilitado para esse serviço.

Quanto á intensidade de luz, diremos ao nosso collega que, se accidentalmente um, ou outro combustor não tem a de 8 vellas, muitos e quiça a maior parte del-

les fornece uma luz superior á de onze vellas steerinas.

**Desastre**—A estação telegraphica desta cidade, enviou-nos a seguinte noticia:

« Recebemos de Joinville o seguinte: Hoje ás 8 da manhã, a mulher de Fernando Lepper, ao passar junto da roda da machina a vapor da marcenaria, prendeu-se-lhe o vestido ao eixo e roda com ella presa fazendo-a bater de encontro ao chão e parede. Quando pararão a machina e tirarão-n' a estava com o craneo e pescoço quebrados. espirando minutos depois —»

Na cidade de S. Francisco, d'esta provincia, foi creada pelo distincto professor Benjamin Carvalho de Oliveira uma aula nocturna, que já é frequentada por vinte e cinco alumnos, entre casados e solteiros.

Desejamos-lhe constante e prospero successo, e que tam bello exemplar seja copiado em toda a provincia: os serviços que o nosso amigo está prestando, oxalá que a provincia os reconheça !...

Nem é esta a primeira escola nocturna fundada pelo sr. Benjamin: já a quarta !

Nossas felicitações... e caminhar !

## CORRESPONDENCIA

### Cartas de um Roccoiro ilha-gracence

(3ª CARTA)

*Ridendo castigat more.*

(Continuação)

1º A frente do mercado apalmeirada.. Pobre mercado ! Si fosse dado ás pedras fallarem por certo que elle enfeitado pela frente, mas com os fundos nús diria com Pelucchi:

« Santa Madre ! é horrível

« Questo scherno al dolor mio ?... »

2º O « novissimo » alinhamento da rua da Praia, em frente ao mesmo mercado !...

Que lembrança aquella ! Que coisa tão « bonita » Que « melhoramento », a quelle !

Foi mesmo de « capacidade » !

De « commodidade » !.....

De « cidade » !.....

Mas... « meus filhos » ! não vedes vós que borrasteis toda a « pintura » em vez de a asseardes ?

Vinde cá: Que quereis vós ?

Endireitar a rua ?

Como ! Só com a edificação de uma casa que mais entortal-a veio ?

Pois acreditais vós que em tempo al-

gum se hão de demolir tantas casas, cujas paredes são solidas, e, entre estas casas, algumas de sobrado somente por causa de uma que hoje acabais de consentir ou de mandar que seja edificada em tal lugar ?...

Que « cabeças » !

E quando mesmo podessis ou deveisdes obrigar os proprietarios d' aquelles casas a demolirem-nas, disei-me: terieis vós em cofre o valor preciso para indemnizal-os ?

Ainda mais:

E quando mesmo pudessa dar-se a demolição d'aquellas casas, vinde cá: olhando daqui para a carioca, poderieis dizer: Sim, senhores ! chegamos ao nosso fim ! completamos a nossa obra ! a nossa lembrança, o nosso « estudo », nada falhou-nos !...

Aqui temos a rua da Praia « direitinha » ?...

Poderieis dizer isto ?

Que « cabeças » essas !

De maneira que a nova casa da « novissimo » alinhamento tem de ficar ali sosinha como sentinella perdida; ou guarda do mercado !

Que m lucrrou com esse « trabalho immenso » que tivestes, e com que « alarmastes quasi toda a nossa ilha, —foi o felizardo do proprietario, que teve no melhor ponto da cidade um bom terreno de « meia jota »

Foi o unico que melhorou com o vosso « decantado e invisivel melhoramento..

« Felizardo !... Felizardo !..

De modo, meos « queridinhos filhos », que a vosso « melhoramento » foi superlativamente prejudicial !..

Prejudicastes a rua, isto é, afeias-tel-a.

Prejudicastes grande parte dos moradores desta ilha, presentes e futuros proprietarios d' aquellas casas que condemnastes, os quaes não veem nem poderão ver de suas portas e janellas alem da « casa-sentinella !

Prejudicastes o mercado em sua necessidade « extorquindo-lhe », o largo que não ha mercado que não tenha !

Prejudicastes os conductores de carroça e de cargueiros, que, olhando para o porvir, deveis pensar: Quando hajam, precisão de um lugar junto ao mercado para estacionarem suas carroças e seus cargueiros !

Prejudicastes... até vós mesmos, que por isso tudo, revoltastes muitos animos exposte-vos a censura bem cabida, plantastes o marco de vossa inepecia, marceastes assim a vossa memoria, provastes a vossa inaptidão e... e obrigais-me agora a me estar occupando convosco acerca d' isto !...

Que cabeças tendes vos, Illustrissimos

Porem sr. redactor, quizera eu dizer ainda alguma couza mais de nossa edibilidade e bem assim tratar de outras cousinhas mas que vi e ouvi; mas, gora que esta carta vai alem do tam, devido a comportar com o « Artista », pelo que faço ponto passando já a escrever-lhe a 4ª em continuação.

Que tenha de que alegrar-se e agradável noite de natal, é o que lhe se deseja

O seu do coração

leitor e amigo por extenso

Roceiro.

## CORRESPONDENCIA EUROPEA

Pariz, 7 de Fevereiro de 1880.

A questão do divorcio está aqui na ordem do dia. Todos descem a terreiro pró ou contra. A favor do divorcio, temos o deputado Naquet e Alexandre Dumas Filho. Contra, tem surgido Frei Didon, o ex-Frei Jacintho e o romanista Paulo Feval.

Consintão os leitores que encare, em poucos minutos, tão arduo assumpto.

O estabelecimento do divorcio remonta a mais alta antiguidade. Solon consente que os Athenienses divorciassem, mediante certas condições que limitavam muito o numero dos desquites. Em Roma, durante quasi 500 annos isto é, durante a era da maior prosperidade da Republica, o divorcio foi desconhecido. Só depois das guerras civis do famoso triumpho de Viriato, é que propagou-se a repudição.

Só o marido tinha direito de repudiar a mulher e o maior elogio que se podia tecer de uma matrona era gravando na lapide tumular estas palavras: Honra e gloria a matrona, pois que só teve um esposo! Entre os Musulmanos e demais povos que admittem a polygamia (muitas esposas para um unico marido) não se pode dizer que o divorcio exista, por isso que o matrimonio propriamente dito não existe.

Entre os povos da primitiva America, os Mexicanos admittião o divorcio, mas os esposos não podia nunca mais reunirse sob pena de morte. Na Asia nas margens do Ganges, as esposas ataviadas com os seus mais bellos ornatos arrojavão-se á fogueira que consumia o cadaver do marido, como para demonstrar que nem a morte podia quebrar taes laços. O divorcio existe na china, mas é reprovado por todos os moralistas e poetas do celeste imperio. Eis aqui uma traducção de um dos poetas mais populares d'aquelle immenso Imperio: « Quando o Kien casa os seus floridos ramos aos galhos do pau é para todo o sempre. Como é diversa a minha sorte! Felizes arbustos, quanto mais abundante é o orvalho do céu tanto mais estreitão-se os vossos laços; e eu fico abandonada pelo ingrato no mais rijo do temporal: o trovão que lá em cima murmura não o faz trepidar!

O mais humilde regato fertilisa os mais bellos campos, mas eu sou repudiado com desprezo. » Assim falla uma esposa divorciada.

Na Inglaterra o divorcio foi uma consequencia do schisma de Henrique VIII que repudiou successivamente 5 mulheres. Na Grecia moderna existe o divorcio; na Russia foi abolido. As esposas cuja infidelidade é provada, são fechadas num claustro. Na Polonha o divorcio nunca

foi sancionado pelas leis. Em Berlim, Bruxellas e na Suissa existe o divorcio.

Em França a revolução o estabeleceu e foi decretado a 20 de Setembro de 1792

Deo lugar a tantos abusos que o codigo Napoleão o limitou, e que a restauração o supprimio.

Que será do divorcio sob a terceira Republica? Por ventura entrará triumphante nas leis ou irá descansar na poeira dos archivos? E' difficil advinhar.

Mas, de tudo quanto acabo de dizer, d'esses breves apontamentos historicos, deprende-se uma consequencia logica: em geral todos os povos, na aurora da existencia, no decurso da sua marcha prospera e progressiva, não admittem o divorcio; todos elles sanccionão e protegem zelosos a perpetuação do laço matrimonial. No momento porem, em que as nações tremem nos alicerces, solapada pelas discussões partidarias, no momento em que o septicismo substitue as fortes crenças em que os filhos trilhão na senda diversa da vereda paterna intão surge a necessidade do divorcio. Em França estamos n'uma d'essas epochas. A Revolução poz a baixo todas as tradições; a sciencia travou guerra renhida com o dogmas; a burgasia fez descambar a nobreza e a democracia está para submergir a burgasia; a devassidão que out'ora era acipice de fidalgos desceo pouco a pouco e se vai entranhando pelas mais finas sociedades. O vicio é plebeo, como foi burguez, como havia sido nobre.

O matrimonio não é mais perante a lei e os factos, um sacramento, um não sei que mysterioso que unia as almas, os coações e as consciencias. E' um contracto civil, isto é commercial em que ninguem entra sem certo haver. Não é, pois para admirar-se, em não dando a sociedade os lucros que se esperavão queiram os contrahentes dissolver a firma e ficar livres do activo e passivo da sociedade. Porventura, o nosso Brasil estará no mesmo estado? E' a questão que transmitto ao campeão do divorcio entre nós, a Saldanha Marinho.

(Do Correspondente)

## À PEDIDOS

Muitos doentes...

Muitos doentes, a quem prescreveram tratamento pelo oleo de figados de bacalhau não o podem tomar porque o estomago se recusa muitas vezes a absorvel-o

E' portanto, segundo cremos dever nosso chamar a attenção dos medicos e dos doentes sobre as riquissimas propriedades medicinaes do Vinho de Extracto de Figados de bacalhau do dr. Vivien porque a acção e a efficacia d'esse vinho são muito superiores as do oleo.

Uma colher de vinho Vivien equivale a muitas colheres do melhor oleo de figado de bacalhau.

Ha uma voz mas eloquente do que a nossa é a da experiencia que se encarregará de demonstrar as excellentes propriedades do Vinho Vivien.

Urlico agente e Depositarios Silva Gomes & C<sup>a</sup>. Rua de S. Pedro 24.

## Da analyse do Dr. Garreau.

Da analyse do dr Garreau, do relatório dos srs. professors Bouillaud, Poggiale, e Decergie, approvado pela academia de Paris, e de numerosas experiencias medicas se deduz evidentemente que o vinho de Extracto de figados de bacalhau do Dr Vivien é muito mais rico em principios chemicos, activos, e medicinaes do que o oleo que por consequencia, possui aquelle uma acção, muito mais activa e efficaz do que esse. Por isso, os medicos recommendam com instancia o vinho Vivien.

Sob sua acção, a economia adquire mais energia, o appetite apparece pouco e pouco, as faces tomam cores, e crescem aa forças e actividade musculares.

O vinho de Vivein é recommendado por todos os medicos ás pessoas fracas, principalmente ás creanças, aos temperamentos lymphaticos, debilitados, anemicos, chlorosicos, e predispostos a todos os ataques graves das enfermidades do peito, e da tísica.

Uma colher de vinho Vivien equivale a algumas colheres do melhor oleo de figado de bacalhau, tendo os doentes a vantagem de tomar um medicamento agradável ao paladar, e de uma acção e efficacia garantidas. Deposito no Rio de Janeiro, Drogaria Silva Gomes & C<sup>a</sup>. 24 rua de S. Pedro.

## Ào Sr. Themis.

(A' ultima hora)

Continúa o sr. Themis a lardear as suas *esparathadississimas* erudições, que quando voltar-mos responder-lhe-hemos ao pé da letra.

Leia, sr. Themis com toda a attenção estas *chulas* linhas.

Até mais ver

A verda deira justiça

## Logogripho

Offerecida ao-Snr. Sybilla

Aqui tem grosso madeiro, 5,2,3,7,10,8  
E cobertas de navios; 1,2,2,12,3,4  
Acharão moeda de ouro, 9,10,11,9,6  
E serão da teia os fios. 7,11,9,6,4

Não será monocotyledonia  
Esta embrulhada satânica;  
Mas com tudo affirmaremos  
Entral-o na botânica

Plutão e Achilles

Typ. e Lith. de Alex. Margarida